

2010

Book Review: O significado da ilha de Barbados para o Império Britânico no Século XVII

Matt D. Childs

University of South Carolina - Columbia, childsm@mailbox.sc.edu

Follow this and additional works at: https://scholarcommons.sc.edu/hist_facpub



Part of the [History Commons](#)

Publication Info

Published in *Afro-Ásia*, ed. Florentina da Silva Souza, Jocélio Teles dos Santos, Volume 41, 2010, pages 275-277.

Childs, M. D. (2010). O significado da ilha de Barbados para o Império Britânico no Século XVII. [Review of the book *Sweet Negotiations: Sugar, Slavery and Plantation Agriculture in Early Barbados*, by R. R. Menard]. *Afro-Ásia*, 41, 275-277.

© Afro-Ásia, 2010, Center for Afro-Oriental Studies at Federal University of Bahia

O SIGNIFICADO DA ILHA DE BARBADOS PARA O IMPÉRIO BRITÂNICO NO SÉCULO XVII

MENARD, Russell R. *Sweet Negotiations: Sugar, Slavery and Plantation Agriculture in Early Barbados*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2006, pp. xix + 181 p.

A pequena ilha de Barbados, de meros 430 quilômetros quadrados, teve um importante papel na economia atlântica britânica do século XVII, que em muito superava seu tamanho. Barbados estabeleceu na região o modelo da agricultura de *plantation*, baseada na escravidão racial, que influenciou os esquemas coloniais britânicos por quase dois séculos. O pequeno livro de Russell Menard, de 126 páginas de texto e 22 páginas de notas, também tem uma ambição de influenciar a academia maior do que seu tamanho. Ele espera derrubar a tese da “revolução do açúcar” de Barbados, que ele argumenta “ter dominado a historiografia da ilha por três séculos e meio.” (p. 2) Só o tempo poderá dizer se o impacto do livro na historiografia da fase inicial da colonização norteamericana será igual ao impacto da ilha na formação da política colonial britânica no Novo Mundo. O que pode com certeza ser dito, contudo, é que o livro de Menard muito certamente levará os historia-

dores norteamericanos a reconsiderar que a escravidão caribenha diga respeito apenas à lavoura do açúcar. Os ciclos econômicos e a diversidade da agricultura de *plantation*, que caracterizaram a história caribenha, precisavam receber a devida atenção, e esta obra é uma contribuição bem vinda a uma crescente bibliografia escrita nesse sentido.¹

Menard reconhece que sua maior “tarefa foi a de levantar questões, mais do que respondê-las”, sobre o conceito de uma revolução do açúcar. (p. xiii) Ao desafiar a historiografia atual, ele usa o discernimento que adquiriu por ser um dos principais historiadores econômicos da escola de Chesapeake, a famosa e fértil baía do leste dos Estados Unidos, berço da sociedade de *plantation* na América inglesa continental. Aqueles fa-

¹ Ver também Verene A. Shepherd (org.), *Slavery Without Sugar: Diversity in Caribbean Economy and Society Since the 17th Century* (Gainesville: University of Florida Press, 2002).

miliarizados com os estudos anteriores de Menard não ficarão surpresos com que ele pense que Barbados tinha uma economia e uma sociedade muito mais dinâmicas do que aquelas focadas exclusivamente no açúcar. Michael Craton fez afirmações semelhantes há mais de vinte anos na revista *Slavery & Abolition*, concluindo que a revolução do açúcar de Barbados “não foi de fato revolução alguma”.² O trabalho anterior de historiadores caribenhos, em tópicos similares relacionados a uma diversidade e um dinamismo para além da economia do açúcar, enfraquecerá parte do que Menard enfatiza como novo e novidade em sua visão, mas não o fato de que os pesquisadores necessitarão futuramente reconciliar seus achados com suas conclusões revisionistas.

A maior contribuição de Menard para a historiografia de Barbados é mostrar que, antes do açúcar ser firmemente ali implantado, a ilha já era uma colônia de *plantation* e uma sociedade escravista como resultado da produção de tabaco, índigo e algodão. O autor afirma que o sucesso desses produtos, e não o seu fracasso como anteriormente argumentado, permitiu aos agricultores gerar renda e comprar terras para financiar a pro-

dução de açúcar. Conseqüentemente, o açúcar não foi uma “revolução” que redefiniu o modelo de *plantation*. Menard prefere o termo “surto (*boom*) do açúcar”, já que a expansão na produção serviu para intensificar a confiança no trabalho escravo. Em resumo, ele conclui que a história de Barbados, enquanto colônia de *plantation* constituída pela escravidão africana, veio *antes* do açúcar e não *por causa* do açúcar.

Além de substituir a tese da “revolução do açúcar” pela tese do “surto do açúcar”, ele também faz várias outras descobertas dignas de nota relacionadas aos padrões do trabalho, financiamento e da propriedade da terra. Por exemplo, mostra que o financiamento para o “surto do açúcar” não veio exclusivamente dos holandeses, como previamente sugerido. Ao invés disso, Menard mostra que parte do financiamento veio de mercadores ingleses e, com a mesma importância, do capital local.

Espera-se que outros estudiosos criem novo conhecimento a partir dos achados de Menard e respondam algumas de suas provocativas questões com pesquisas mais extensas. Infelizmente, a maior parte do livro e alguns capítulos em sua totalidade são baseados em fontes secundárias devido a dramáticos problemas de saúde que ele detalha no texto e nas notas.

O pequeno livro de Menard é uma contribuição bem vinda à histó-

² Michael Craton, “The Historical Roots of the Plantation Model”, *Slavery & Abolition*, v. 5, n. 3 (1984), p. 215.

ria caribenha e mesmo à atlântica. Ele fez um trabalho admirável de mostrar a relevância da história do Caribe britânico no século XVII para os primórdios da história da América britânica continental. Como ele reconhece, suas perguntas e metodologia foram o produto de “uma pessoa de

Chesapeake indo para as ilhas.” (p. 6) A historiografia dos primórdios da América do Norte agora é mais rica por causa de seu ousado projeto, e os historiadores caribenhos, como eu mesmo, estão sempre ávidos para receber e aprender com turistas que viajam até suas ilhas.

Matt D. Childs

Universidade da Carolina do Sul

Tradução de Ana Carolina de Andrade Pinto